

# LOCALIZANDO MULHERES NA JIHAD: O CASO DAS MULHERES NO ESTADO ISLÂMICO DO IRAQUE E SÍRIA (ISIS)

Hamoon Khelghat-Doost<sup>1</sup>

## Introdução

Há uma série de categorias distintas que podem ser utilizadas no esforço de caracterização do mundo, entre elas gênero, raça, religião, nacionalidade, classe ou ideologia política. As relações de gênero e a posição social das mulheres, assim como na força de trabalho, sempre foram tema de sérias discussões entre acadêmicos em diferentes campos de estudo. Tanto em suas vidas pessoais quanto profissionais, homens e mulheres estão associados em relações íntimas e colaborativas. Ainda assim, os homens têm, usualmente, maior acesso ao poder na estrutura social do que as mulheres. (Diekman, Wind Goodfriend e Goodwin 2004) Sendo a classificação mais básica e predominante na vida social em todo o mundo<sup>2</sup>, as hierarquias de gênero desempenham um papel importante na estruturação da força de trabalho mundial - tradicionalmente, um domínio patriarcal, considerado, por muitas mulheres, um ambiente pouco receptivo e, não raramente, hostil. (Nações Unidas 2006).

Atualmente, a tendência mundial de emprego na força de trabalho demonstra um padrão discriminatório em favor dos homens; em 2017, a proporção de emprego masculino era de 72,2%, enquanto a proporção de mulheres era de apenas 47,1% (Organização Internacional do Trabalho 2018). Embora argumente-se que um número significativo de mulheres está envolvido em empregos informais, visto que muitas vezes possuem menos apoio legal e social, a disparidade geral de gênero no emprego continua a favor dos homens.

---

1 Doutor em Ciência Política pela National University of Singapore (NUS); Membro do CGSS (Centro de Estudos Globais e Estratégicos da Universiti Sains Malaysia).

2 Ver em: Epstein, Cynthia Fuchs. 2007. "Great divides: The cultural, cognitive, and social bases of the global subordination of women". *American Sociological Review* 72, no. 1 (2007): 1-22.

Seguindo a tendência global de emprego discriminatório, a taxa de emprego das mulheres na maioria dos países islâmicos - especialmente aqueles no Oriente Médio e Norte da África - é ainda mais decepcionante. Nestes casos, as repercussões das restrições sociais são facilmente observáveis no baixo número de mulheres muçulmanas empregadas na força de trabalho em comparação com outros países e regiões do mundo. Os Indicadores de Desenvolvimento Mundial de 2017 do Banco Mundial demonstram, claramente, que o nível de emprego das mulheres na força de trabalho nos países do Oriente Médio e Norte da África (OMNA) é 25% abaixo da média mundial (Elder, Sarah e Gianni 2015).

Em consonância com as restrições sociais, as interpretações ortodoxas da jurisprudência islâmica também impõem restrições a outros aspectos do envolvimento das mulheres nos assuntos da esfera social, incluindo a sua incorporação em organizações militantes (Cook 2005). As perspectivas islâmicas tradicionais enfatizam a importância dos papéis das mulheres como mães, irmãs, filhas e esposas de homens muçulmanos na guerra. (Sjoberg e Caron 2011).

Desde a escalada da crise na Síria e no Iraque, em 2013, e com o crescimento de novas organizações jihadistas, como o Estado Islâmico do Iraque e Síria (ISIS), o *Jabhat Fateh al-Sham* e o *Jaish al-Fatah*, houve uma nova onda de incorporação de membros femininos a grupos jihadistas. Foi relatado que mais de dez por cento de todos os membros ocidentais do ISIS eram mulheres (Peresin e Cervone 2015). Mais de 750 mulheres de vários países da União Europeia juntaram-se a grupos jihadistas na Síria e no Iraque, incluindo 150 alemãs e 200 francesas (Reynolds e Hafez 2019). A adesão feminina a grupos como o ISIS foi crescente, também, no caso de mulheres não-europeias, incluindo 700 tunisianas e mais de 500 marroquinas<sup>3</sup> (Bahija 2018).

No entanto, contra as tendências atuais de emprego feminino na maioria dos países islâmicos e ao contrário da perspectiva negativa da jurisprudência islâmica tradicional sobre o recrutamento de mulheres em organizações militantes, houve um aumento no número de mulheres incorporadas ao ISIS em número e funções. Ainda, essa tendência crescente não é a única questão intrigante sobre a incorporação das mulheres ao ISIS. Convencionalmente, os movimentos militantes (como os grupos militantes nacionalistas e de esquerda) incorporavam membros femininos apenas durante os períodos de mobilização e luta política. Tradicionalmente, após

---

3 Ver em: Barrett, Richard, Jack Berger, Lila Ghosh, Daniel Schoenfeld, Mohamed el Shawesh, Patrick M. Skinner, Susan Sim e Ali Soufan. 2015. "Foreign fighters: An updated assessment of the flow of foreign fighters into Syria and Iraq". *The Soufan Group* 4 (2015).

os períodos de consolidação do Estado, as mulheres foram deslocadas e postas à margem das instituições estatais. Ironicamente, e contra o padrão estabelecido acima, a tendência deu-se ao contrário no caso de organizações jihadistas como o ISIS.

Focando na taxa expressiva de incorporação das mulheres no ISIS como uma manifestação de hierarquia de gênero - o empoderamento -, este artigo visa, portanto, explicar as razões por trás da alta taxa de inclusão das mulheres no ISIS - tanto em número quanto em funções - encaminhando uma explicação do porquê de tal inclusão ir contra a tendência de incorporação de mulheres em outros movimentos militantes nacionalistas e de esquerda (não empoderamento).

## Metodologia

A pesquisa foi realizada de forma qualitativa por meio de uma abordagem fenomenológica e por meio da realização de entrevistas semiestruturadas em profundidade (Creswell e Poth 2017). As perguntas foram elaboradas com o intuito de desenvolver uma descrição completa, precisa, clara e articulada dos papéis e posições das mulheres no ISIS, usando o conhecimento ou percepções pessoais dos próprios entrevistados. Ainda, as perguntas da entrevista cobriram uma série de perguntas abertas, dependendo da origem e do contexto dos entrevistados.

A seleção dos participantes cobriu uma ampla gama de indivíduos, incluindo ex-membros do ISIS, apoiadores do ISIS, acadêmicos, oficiais do governo e de segurança nacional, refugiados, pessoas deslocadas internamente e jornalistas. As perguntas da entrevista foram usadas como base para discussões posteriores com os entrevistados. Após receber a aprovação ética das autoridades relevantes, três rodadas de viagens de campo foram feitas para conduzir essas entrevistas de julho de 2015 a janeiro de 2017. Mais de 150 entrevistas foram realizadas com participantes no Iraque, Turquia, Irã, Afeganistão, Líbano e nas fronteiras dos territórios controlados pelo ISIS na Síria. Além das entrevistas realizadas pessoalmente, cinco entrevistas também foram conduzidas por telefone com três mulheres árabes sírias e iraquianas e dois homens árabes sírios e iraquianos (idades entre 26 e 39 anos) que ainda viviam em territórios governados pelo ISIS na Síria e no Iraque.

As entrevistas foram realizadas com o objetivo de examinar como a posição das mulheres foi enquadrada dentro da ideologia do ISIS e as principais razões que levaram a incorporação das mulheres na organização. Os métodos pelos quais o ISIS incorporou seus membros femininos também

foram investigados nessas entrevistas. Devido à natureza desta pesquisa, a acessibilidade da prospecção de dados foi, em si, um desafio. O acesso direto às organizações jihadistas e seus membros era difícil tanto legalmente quanto na prática. Para superar este desafio, foram entrevistadas pessoas com conhecimento suficiente sobre o ISIS, utilizando-se entrevistados *proxy* - representantes - para a coleta dos dados necessários para esta pesquisa. Esses entrevistados *proxy* incluíram desertores do ISIS, simpatizantes do ISIS, refugiados e testemunhas oculares que viveram em territórios administrados por organizações jihadistas na Síria, Iraque e Afeganistão.

## A Construção do Estado e a Mudança nas Hierarquias de Gênero

Certamente, a ascensão do ISIS mudou a definição das organizações jihadistas e suas hierarquias de gênero. Sendo, inicialmente, uma extensão operacional da Al-Qaeda no Iraque com pensamentos salafistas, o ISIS surpreendeu o mundo ao declarar o estabelecimento de seu Califado, em 2014, em uma imensa área geográfica dentro dos territórios do Iraque e da Síria. Contrastando com a maioria dos outros grupos jihadistas, como a Al-Qaeda, que possuíam uma ideia vaga sobre como estabelecer e administrar um califado, o ISIS tinha definido nitidamente seu objetivo de estabelecer uma nova sociedade governada por uma interpretação estrita da lei sharia colocada em prática (Hoyle et. al 2015). Portanto, um grupo como o ISIS não deve ser estudado como uma mera organização militante, mas como um grupo no controle de um califado definido e funcional. Esta abordagem do ISIS sobre a construção de um Estado resultou na migração e incorporação de milhares de mulheres, de todo o mundo, na visão de sua sociedade (De Bont et. al 2017).

Assim, a perspectiva do projeto de construção do Estado do ISIS compartilha semelhanças com os processos de construção da nações e estados em vários outros lugares do mundo. Os conflitos armados, inclusive, sempre foram um fenômeno importante no estudo da construção do Estado. Como as guerras externas, os conflitos internos - como no caso da guerra civil síria - podem, sob certas circunstâncias, promover a construção do Estado (Rodriguez-Franco 2016). Além disso, é importante observar que não existe um único caminho para a construção do Estado. Argumenta-se que muitos Estados foram “construídos com sangue e fogo incessantes, outros com compilações litigiosas de elites e outros com acordos estáveis, mas tácitos, entre forças políticas” (Staniland 2012). O processo de construção

do califado do ISIS, certamente, vai de encontro ao caminho violento para o estabelecimento de um Estado.

Ao longo da história, o processo de criação do Estado tem sido um ponto central de competição violenta entre diferentes setores da sociedade (Mann 2012). Essa tendência intensificou-se no cenário pós Segunda Guerra Mundial, quando a maioria das lutas ao redor do globo deviam-se aos esforços de construção de nações (Conteh-Morgan 2004). A violência, portanto, tem sido um componente chave para o processo de construção do Estado. Nesse caso, a militância desempenha um papel vital não apenas na “defesa do Estado-nação, mas, também, na arbitragem dos critérios de filiação (cidadania) da nação” (Nilsson, Ranchod e Tetreault 2000). Isso é evidente no caso de países em que o serviço militar (nacional) é obrigatório para seus cidadãos, incluindo Cingapura, Irã, Dinamarca ou Turquia. Em casos como o de Israel, este serviço militar obrigatório (nacional) é obrigatório tanto para homens quanto para mulheres, sem discriminação (Just 2016).

A clássica passagem de Charles Tilly que diz que guerras fazem Estados e Estados fazem guerra é, certamente, a noção mais popular na literatura atual para explicar a relação entre os conflitos militares (ou seja, a guerra) e o processo de construção do Estado. Seu argumento é baseado em três componentes: o controle centralizado sobre o território, o desenvolvimento do aparelho de Estado e o processo de civilização (Tilly 2017). Com base nesse argumento, a construção do Estado ocorreria quando “especialistas em violência e elites consolidam a segurança e, assim, fornecem o primeiro e mais importante bem público: o monopólio sobre o uso da força” (Duffield 2013).

Com base no argumento acima sobre a ligação entre os conflitos armados e o processo de construção do Estado e, em específico para este artigo, a significativa contribuição ativa das mulheres para o processo de construção do Estado por meio de grupos militantes é evidente, embora menos divulgada, ao longo da história moderna (Rafik e Malik 2015). As mulheres têm sido uma parte importante dos movimentos revolucionários nacionais em conflitos em El Salvador, Nicarágua, Líbia, Eritreia, Vietnã e Iugoslávia (Omar 2004).

Adicionalmente, há uma ligação entre hierarquias de gênero e conflitos violentos (Maleevi 2010). Não raramente, as sociedades precisam de um grande catalisador - como a guerra ou o conflito - para que suas ordens sociais e políticas sejam abaladas e, possivelmente, se modifiquem (Webster, Chen e Beardsley 2019). Por exemplo, com o início da Primeira Guerra da Indochina contra os franceses, os nacionalistas vietnamitas de orientação comunista rebelaram-se contra os valores dominantes do confucionismo (a favor dos papéis domésticos das mulheres como boas mães e esposas),

recrutando um grande número de mulheres com o intuito de mobilizar o maior número possível de combatentes contra o inimigo (Eager 2016).

A participação feminina em questões militares proporcionou ao movimento nacional vietnamita um grande número de mulheres que deixaram seus papéis domésticos tradicionais, como mães e esposas, e entraram na força de combate para perseguir a causa da construção do Estado. Entre um terço a metade das tropas vietcongues eram compostas por mulheres, incluindo comandantes regimentais (De Pauw 2014). Durante a Guerra do Vietnã, uma comandante, Thi Dinh, era a vice-comandante de todas as tropas vietcongues que lutavam contra os sul-vietnamitas. Ainda, as tropas vietcongues também eram compostas por alguns pelotões de mulheres com funções que incluíam “reconhecimento, comunicações, operações de comando e enfermagem”<sup>4</sup>.

Nesses pelotões, as mulheres recebiam treinamento para utilização de diferentes tipos de armas, granadas de mão, para plantação de minas terrestres e, até mesmo, para operarem em assassinatos de figuras-chave do lado inimigo. Existem relatos sobre comandos especiais vietcongues femininos que estiveram ativamente envolvidos em uma das operações mais famosas contra as forças americanas, em fevereiro de 1969, na qual 38 oficiais do exército dos Estados Unidos foram mortos na base aérea de Cu Chi e todos os seus helicópteros Ch-47 Chinook derrubados por esses comandos. O mesmo padrão de participação das mulheres em questões militares é evidente em vários outros movimentos de libertação anticoloniais, incluindo o Exército de Libertação Nacional Africano do Zimbábue (ZANLA). Estima-se que, em 1979, quase 7.500 dos 20.000 membros do Exército de Libertação do Zimbábue eram combatentes do sexo feminino e estavam engajadas em diversos postos de combate, incluindo o comando de brigadas femininas e combate direto as forças inimigas (Seidman 1984)<sup>5</sup>.

Ao coletar dados internacionais de 1900 a 2015, Webster et al. estabeleceu uma ligação entre conflito armado e desequilíbrios de poder de gênero na sociedade. Eles concluíram que “a guerra pode desestruturar o funcionamento das instituições sociais e levar a um aumento no empoderamento das mulheres por meio de mecanismos relacionados a mudanças de papéis na sociedade e mudanças políticas catalisadas pela guerra” (Webster, Chen e Beardsley 2019). No entanto, embora a guerra possua potencial de mudança sob hierarquias de gênero e aumente o empoderamento das mulheres, como nos casos acima mencionados, é, ao mesmo tempo, evidente que os movimentos nacionalistas ou de esquerda

---

4 Ibid.

5 Ver em: Kriger, Norma J. *Guerrilla Veterans in Post-war Zimbabwe: Symbolic and Violent Politics, 1980–1987*. Vol. 105. Cambridge University Press, 2003.

utilizaram as mulheres apenas durante os períodos de mobilização e luta política. Após os períodos de consolidação do Estado, as mulheres foram suprimidas e afastadas das instituições estatais (Nilsson 2000). Em outras palavras, as mulheres foram “desempoderadas” após o estabelecimento dos novos Estados. Em seu estudo sobre simbolismo nacional na construção de gênero, Karima Omar também identificou essa mesma tendência de mudança nas hierarquias de gênero por meio do empoderamento das mulheres (durante a luta) e não empoderamento (após o triunfo da luta) nos casos das lutas nacionalistas vietnamitas e nicaraguenses. (Omar 2004).

Ironicamente, a seção seguinte deste artigo demonstra que essa tendência se dá ao contrário do esperado no caso do ISIS. As mulheres estavam, em grande parte, ausentes (desempoderadas) no centro do conflito e confrontos militares, sendo “empoderadas” e incorporadas no cerne do movimento somente após o triunfo do ISIS na busca pelo estabelecimento do seu Estado.

## As Mulheres, o ISIS e o Projeto de Construção do Estado

Ainda que as mulheres sejam integradas por poucas organizações jihadistas, como a Al-Qaeda e outros grupos menores no Paquistão, Palestina e Iraque, seu número continua baixo quando comparado com membros masculinos. Além disso, as mulheres são integradas nessas organizações, principalmente, como mulheres-bomba, o que acaba sendo mais uma ferramenta tática do que a expressão de uma estratégia de longo prazo. Isso porque o código de vestimenta feminino em muitas sociedades muçulmanas oferece uma vantagem tática para as organizações jihadistas ocultarem explosivos e armas que podem ser utilizadas durante suas operações. Devido a esta vantagem tática, muitas mulheres-bomba poderiam passar por pontos de verificação de segurança e conduzir suas operações com sucesso - especialmente porque as forças de segurança em muitos países muçulmanos são predominantemente masculinas e, portanto, incapazes de realizar revistas corporais adequadas em mulheres devido a restrições religiosas e culturais (Bloom 2012). No entanto, e de forma generalizada, os sentimentos religiosos e aspectos culturais mostram-se contra o uso de mulheres em operações violentas; ou seja, a possível vantagem tática não resultou no uso extensivo de mulheres em funções de combate.

A razão para a menor integração das mulheres em grupos jihadistas (desempoderamento) está enraizada nos princípios do *mahram* e da pureza sexual. Com base nesses princípios conservadores de hierarquias de gênero,

uma mulher muçulmana deve estar acompanhada, sempre, por um *mahram* masculino (seu marido ou um parente no grau proibido de casamento, como um filho) em público (Lahoud 2014). Devido à natureza das zonas de guerra, as mulheres, inevitavelmente, se encontrariam na companhia ilícita de homens não-*mahram* e, portanto, para evitar tais circunstâncias aparentemente pecaminosas, grupos jihadistas barraram, inicialmente, o envolvimento de mulheres em atividades jihadistas. Este é o principal fator que torna as organizações jihadistas diferentes de outras organizações militantes não jihadistas na incorporação de mulheres em atividades militantes.

A ênfase na pureza sexual das mulheres, por meio do conceito de *mahram*, molda a visão ideológica dessas organizações em relação às mulheres e faz com que esses grupos estejam em um confronto constante contra “um mundo caracterizado pela desordem sexual, em que as mulheres são vistas como invasoras do domínio masculino” (Helie-Lucus 1999). Como resposta, tradicionalmente, as organizações jihadistas enfatizam os papéis domésticos das mulheres na *jihad*, ou seja, serem esposas virtuosas de homens jihadistas e boas mães para a próxima geração de jihadistas.

Entretanto, ao contrário da abordagem clássica de grupos jihadistas em relação à posição das mulheres na *jihad*, o ISIS, pragmaticamente, incorporou um grande número de mulheres em sua estrutura organizacional ao estabelecer seu Estado na Síria e no Iraque. O sucesso do ISIS neste aspecto, sendo a organização jihadi com o maior número de mulheres, deve ser entendido em dois níveis intimamente relacionados: em primeiro lugar, o sucesso da organização na solução do obstáculo *mahram* e, em segundo lugar, o processo de transformação do ISIS de um mero grupo militante do *establishment* jihadista para um grupo encarregado pela administração de um Estado em pleno funcionamento.

## Superando o Obstáculo do Mahram

Estabelecendo um sistema de “instituições paralelas segregadas por gênero”, o ISIS conseguiu minimizar as interações entre sexos opostos dentro de sua organização e, portanto, contornou o obstáculo do *mahram*, que foi a principal razão para a ausência das mulheres (desempoderamento/marginalização) durante a luta militante do grupo. Em outras palavras, isso quer dizer que havia uma unidade dentro de praticamente todas as instituições existentes do ISIS alocada para mulheres, visando tratar de assuntos relacionados, exclusivamente, às mulheres. Essas unidades eram totalmente administradas por mulheres, minimizando sua interação com os homens não-*mahram*. Este sistema abrangia todas as instituições do Estado do ISIS,

como educação, saúde, administração, policiamento, finanças e prestação de serviços. Ao contrário das organizações jihadistas, como o Talibã e o Al-Shabaab da Somália, com dogmas ideológicos ortodoxos ultra rígidos, o ISIS, repetidamente, demonstrou interesse em adotar abordagens pragmáticas aprendidas, muitas vezes, de outros grupos e estruturas organizacionais.

A implementação de instituições paralelas segregadas por gênero, em si, foi uma ideia emprestada das práticas do Irã e da Arábia Saudita, um exemplo dessas abordagens pragmáticas. Desta forma, o ISIS pode não ter sido a primeira entidade a usar a segregação de gênero como uma ferramenta para engenharia social<sup>6</sup>; contudo, foi a primeira organização jihadista a implementar essa política com eficácia em todo o seu domínio territorial (Baggini 2018). Por meio desse mecanismo, e contra a tendência convencional de marginalização das mulheres em organizações não-jihadistas, o ISIS foi capaz de empoderar, com sucesso, um grupo de mulheres para fazer parte de seu aparato estatal que, ideologicamente, deveria dedicar-se a outras funções.

Os dados primários coletados por meio de trabalho de campo no Iraque, nas fronteiras sírias controladas pelo ISIS nas regiões do sul da Turquia e no Líbano refletem a eficácia do ISIS na reconciliação da sua narrativa islâmica ultraconservadora sobre as mulheres com a incorporação feminina pela organização por meio do estabelecimento das instituições paralelas. A confirmação da existência e do funcionamento dessas instituições em todos os territórios do ISIS foi feita através de relatos de desertores do ISIS e refugiados iraquianos e sírios entrevistados para esta pesquisa, bem como através de conversas com oficiais de segurança e militares iraquianos e turcos.

## As Mulheres do Estado Islâmico

Ao estudar o ISIS, é importante notar que, ao contrário da Al-Qaeda, a organização não deve ser tratada apenas como uma organização militante. O ISIS transformou-se em um estruturador de Estado, estabelecendo uma visão particular - a parte de grupos jihadistas - sobre a incorporação das mulheres nesta estrutura estatal própria. O ISIS afirmava ter uma visão nítida para a fundação de um Estado (califado), inspirada na estrutura clássica dos califados durante a era de ouro do Islã (séculos VIII a XIII). Assim, o ISIS projetava um Estado como um governo unificado e transnacional que governasse toda a comunidade muçulmana, impondo sua interpretação estrita da lei da sharia

---

6 “A engenharia social é uma tentativa dos legisladores de mudar o funcionamento das instituições ou o comportamento dos indivíduos para atingir um objetivo político determinado” (Baggini 2006).

(Sekulow 2015).

Dentro de seu território de controle, o ISIS implementou uma estrutura hierárquica detalhada de governança, usando instituições paralelas segregadas por gênero, que englobava diversos conselhos, incluindo o militar, de saúde, da educação, de defesa e inteligência e jurisprudência. A incorporação de mulheres pelo ISIS foi operacionalizada por meio desta estrutura. Algumas das principais funções atribuídas às mulheres pelo ISIS, por meio de suas instituições paralelas segregadas por gênero, são exploradas a seguir.

## Forças Militares

Em meados de 2015, segundo relatos, o ISIS havia estabelecido um batalhão de mulheres-bomba na Síria (RBSS 2015). Maha, uma ex-residente de Raqqa de 25 anos que fugiu para a cidade turca de Gaziantep no início de 2016 contou:

A renovação neoliberal do capitalismo chileno e o processo de privatização Fui abordada por uma mulher desconhecida em uma reunião feminina em Raqqa, que me perguntou se eu gostaria de sacrificar minha vida no caminho de Alá. A mulher disse-me que eu poderia juntar-me a um grupo de mulheres que buscavam o martírio e que gostariam de defender o califado contra os cruzados e os infiéis. A mulher me disse que eu seria treinada para disparar rifles e até para usar jaquetas explosivas<sup>7</sup>.

Em 7 de julho de 2016, o ISIS assumiu, oficialmente, a autoria do que seria seu primeiro ataque suicida a bomba conduzido por um de seus membros femininos. Três membros do ISIS (incluindo uma mulher) conduziram uma série de ataques suicidas contra a mesquita Sayyid Mohammed (um santuário sagrado xiita) na cidade de Balad, localizada a 80 quilômetros ao norte de Bagdá no Iraque. Os ataques mataram 35 civis e deixaram 60 outros gravemente feridos. Em um anúncio oficial do ISIS publicado em sua agência de notícias, Al Amaq, o grupo declarou-se responsável pelos ataques e identificou a mulher-bomba como sendo Um Ja'ada (Hunter 2016).

Foi confirmado, também, que o ISIS passou a utilizar, cada vez mais, seus membros femininos para lutar contra inimigos na Líbia, no Quênia e em países europeus. Em fevereiro de 2016, sete mulheres membros do ISIS foram presas por oficiais líbios na cidade de Sabratha, no distrito de Zawiya, na Líbia. Na mesma operação, mais três mulheres combatentes do ISIS

---

<sup>7</sup> Maha. Em discussão com o autor. 24 de Maio de 2016. Gaziantep, Turquia..

foram mortas. Algumas dessas mulheres estavam lutando ao lado de seus companheiros, também jihadistas, no campo de batalha (Russia Today 2016).

## Força Policial

Logo após declarar seu califado, em 2014, o ISIS afirmou o estabelecimento da sua força policial pautada pela sharia<sup>8</sup>, a *hisbah*, um esquadrão policial exclusivamente feminino que supervisionava o território do ISIS garantindo a implementação adequada da interpretação estrita da organização sobre a lei da sharia para mulheres, especialmente, seu código de vestimenta (Gardner 2015). É difícil estimar o número exato de mulheres nesta força devido à sua estrutura secreta e, também, às limitações de acesso aos seus membros. No entanto, o General Mahdi Younis, das forças iraquianas Peshmerga no norte do Iraque, contou em uma entrevista que cerca de mil mulheres foram recrutadas pela força policial da sharia do ISIS em seus territórios (Yunis 2016).

Os desertores do ISIS e os refugiados sírios e iraquianos entrevistados durante o trabalho de campo no Iraque, Turquia e Líbano explicaram, ainda, que as forças *hisbah* estavam operando em todas as principais cidades dos territórios do ISIS na Síria e no Iraque. Os entrevistados contaram que testemunharam mulheres armadas com fuzis AK-47, cobertas com túnicas pretas, patrulhando as ruas de Raqqa, Mosul, Fallujah, Manbij, Tell Abyed, Tell Afar e Jarablus tanto em carros quanto a pé. A força policial feminina do ISIS operava sob o comando do Conselho de Segurança do ISIS, responsável pelo policiamento interno.

Mohammad, um refugiado sírio de 58 anos que vivia na cidade de Gaziantep, no sul da Turquia, compartilhou seu encontro pessoal com a *hisbah* em Tell Abyed na Síria:

Eu estava andando com minha esposa na rua para fazer compras. Ao longo do caminho, encontramos um grupo de 10 a 15 pessoas reunidas em torno de um casal. Ouvimos dizer que uma mulher era da força *hisbah* feminina, carregava uma arma e falava alto com o casal. Ela gritava dizendo que a mulher não havia respeitado o código de vestimenta e que deveria acompanhá-la ao posto policial. O marido da mulher estava implorando para ela deixar sua esposa ir. A mulher do ISIS tinha um claro sotaque árabe do norte da África. Enquanto a população ao redor do casal aumentava,

---

8 Ver em: John e Abdulaziz Abdulhussein Sachedina. The Islamic World. Vol. 3. Oxford University Press, 2004.

um grupo de policiais masculinos do ISIS apareceu em um carro para ajudar suas colegas. Disse a minha esposa para se apressar e ficar longe da multidão. Não sei o que aconteceu ao casal<sup>9</sup>.

Mahmoud, um ex-membro do ISIS de 46 anos e ex-residente de Raqqa, atualmente refugiado em Gaziantep, no sul da Turquia, também relatou que:

Os membros femininos da *hisbah* têm instalações próprias na cidade. Isso é para evitar que eles se misturem a nós [seus colegas jihadistas masculinos]. Os membros femininos da *hisbah* levam as mulheres que infringiram a lei sharia para esta instalação em Raqqa. Mulheres que usam *abaya* [vestido preto longo] justo, não acompanhadas por um membro da família do sexo masculino em público, que fumam cigarros, bebem e comem em público durante o mês de jejum, cometem adultério, cometem atos de natureza homossexual ou usam esmalte de unha brilhante serão presas e levadas a estas instalações<sup>10</sup>.

Com o objetivo de expandir seu controle ideológico sobre todos os membros da sociedade, o ISIS incorporou um grande número de mulheres como parte da força policial por meio de seu mecanismo de instituições paralelas segregadas por gênero. Isso permitiu ao ISIS aumentar seu grau de controle sobre toda a sua população.

## Professoras e Educadoras

O sistema educacional e seus institutos afiliados, incluindo escolas e universidades, foram instituições cruciais para o ISIS, pois eram os meios perfeitos para moldar os corações e mentes da próxima geração de jihadistas devotados (Benotman e Malik 2016). Dentro dessa perspectiva, o ISIS estabeleceu sua meta educacional para “diminuir a ignorância, espalhar as ciências religiosas, resistir às ciências e aos currículos corruptos e substituí-los por currículos islâmicos virtuosos”<sup>11</sup>.

Apesar da existência de relatórios sobre o fechamento de escolas para meninas em territórios do ISIS, muitas instituições continuaram operando

9 Mohammad. Em discussão com o autor. 23 de Maio de 2016. Gaziantep, Turquia.

10 Mahmoud. Em discussão com o autor. 18 de Junho de 2016. Gaziantep, Turquia.

11 Coalizão Global para Proteger a Educação sob Ataque (Global Coalition to Protect Education from Attack - GCPEA), *Education Under Attack 2018 – Iraq*, (Iraque, 2018) <https://www.refworld.org/docid/5be9430d4.html> (Acesso em 14 de Setembro de 2018).

sob estritas restrições impostas pelo *Diwan al-Ta'aleem* (conselho de educação do ISIS). As escolas eram totalmente segregadas por gênero e apenas professoras tinham permissão para trabalhar em escolas femininas. Ademais, era obrigatório, para professoras e alunas, observar o código de vestimenta do manto preto e do véu integral.

Na cidade de Sanliurfa, no sul da Turquia, também conheci Ayisha (30 anos), uma ex-professora e mãe de duas crianças que fugiu de Deir ez-Zor, na Síria, em 2015. Ela me explicou que:

Depois da segregação de gênero nas escolas, apenas professoras, diretora e faxineiras administravam a escola primária na qual eu trabalhava. Uma cortina grossa foi montada atrás do portão principal da escola e apenas mulheres podiam entrar. Eu pessoalmente vi várias forças policiais femininas do ISIS verificando a escola regularmente para garantir a adesão das alunas e funcionárias às leis da sharia, especialmente em termos de vestimenta. Isso fez com que muitos cidadãos locais se recusassem a mandar suas crianças para as escolas<sup>12</sup>.

Enquanto conduzia o trabalho de campo em Erbil, no norte do Iraque, também tive a oportunidade de conhecer Sharifah (originalmente de Mosul) cujos parentes e amigos ainda viviam em Mosul sob o governo do ISIS. Por meio da Sharifah, pude conversar por telefone com uma de suas amigas, Jamilah (32 anos), ainda em Mosul sob o controle do ISIS. Jamilah compartilhou sua experiência lidando com o sistema educacional do ISIS:

Nos estágios iniciais do ISIS assumindo o controle de Mosul, muitas professoras que trabalhavam nas escolas deixaram seus empregos porque não estavam satisfeitas com a abordagem ideológica do Estado Islâmico em relação à educação. No entanto, o califado convocou forçosamente todas as professoras a retornarem para suas escolas sob as novas regras e regulamentos. As professoras recebiam salários mínimos diretamente do ISIS e eram ameaçadas que, caso deixassem seus empregos, suas propriedades seriam confiscadas<sup>13</sup>.

Além das escolas primárias e secundárias, o ISIS estabeleceu seu primeiro curso técnico feminino, a Al-Zawra, para mulheres adultas. De acordo com a declaração de missão da escola, buscava fornecer treinamento para mulheres “interessadas em cintos de explosivos e ataques suicidas

---

12 Ayisha. Em discussão com o autor. 25 de Maio de 2016. Sanliurfa, Turquia.

13 Jamilah. Entrevista por telefone com o autor. 11 de Julho de 2016. Mosul, Iraque.

mais do que em um vestido branco ou um castelo ou roupas ou móveis” (Haaretz 2014). O instituto oferecia uma ampla gama de cursos, incluindo “trabalho doméstico, como costura e culinária, primeiros socorros médicos, lei islâmica e sharia, armamento, treinamento em mídia social e programas de computador para edição e design” (Spencer 2016). Mantendo um mente a importância do papel das mulheres como mães de futuros jihadistas, o ISIS estabeleceu um sistema funcional de educação ideológica para sua população feminina com base na segregação de gênero.

## Médicas e Enfermeiras

À medida em que o ISIS se transformou de uma simples organização militante para fundar seu califado, o fornecimento de bens públicos para seus habitantes, enquanto observa sua interpretação estrita da lei da sharia, tornou-se mais importante. O setor de saúde foi um dos serviços vitais aos quais o ISIS prestou atenção significativa. No início de 2015, o ISIS anunciou seu Sistema de Saúde do Estado Islâmico (ISHS), formulado com base no Sistema de Saúde Nacional do Reino Unido (NHS). Em um vídeo publicado pelo ISIS no YouTube, um médico indiano chamado Abu Muqatil al-Hindi explica que “havia médicos da Rússia, Tunísia, Sri Lanka e Austrália, e que as mulheres eram tratadas por profissionais do sexo feminino” (Ho 2015). O mesmo padrão de segregação de gênero presente em outras instituições ISIS foi aplicado ao sistema de saúde da organização (ISHS). As pacientes do sexo feminino só podiam ser visitadas e tratadas por médicas e em seções “Somente para Mulheres” nos hospitais dentro do território ISIS.

Durante minha visita ao campo de refugiados de Debaga, perto da cidade de Makhmur no Iraque, conheci Kolthum, uma médica geral de 42 anos que fugiu de Mosul, cidade controlada pelo ISIS, com seu marido e quatro filhos. Ela me disse:

Uma seção dentro do hospital geral de Mosul é destinada a pacientes do sexo feminino para consultas e tratamentos por profissionais também mulheres. O ISIS nos ameaçou [aquelas médicas que se recusaram a retornar aos seus trabalhos no hospital] com o confisco de nossas propriedades. A gama de serviços oferecidos por nós [médicas e enfermeiras] também era mais limitada do que os oferecidos aos homens, pois, numericamente, [médicas e enfermeiras] estávamos em desvantagem quando comparadas ao número de profissionais do sexo masculino<sup>14</sup>.

---

14 Kolthum. Em discussão com o autor. 13 de Julho de 2016. Campo de Debaga, Makhmur,

Adilah, uma enfermeira de 30 anos de Raqqa, que conheci em Istambul em abril de 2016, também enfatizou:

Apesar das médicas poderem continuar trabalhando no hospital geral de Raqqa, os oficiais do ISIS foram muito rigorosos quanto à implementação da lei da sharia nos centros médicos. Enquanto eu era enfermeira no hospital, tinha muito medo até de tocar em meninos doentes de 5 a 6 anos para fazer um check-up médico, pois não tinha permissão para tratar homens<sup>15</sup>.

Como uma organização responsável por governar uma sociedade, o ISIS rapidamente percebeu a importância de fornecer serviços para toda a população sob seu controle. Isso incluía, também, as mulheres como metade da população. Ao segregar os centros de saúde, o ISIS conseguiu fornecer os serviços básicos de saúde para as mulheres sem comprometer seus rígidos compromissos ideológicos salafistas.

### Oficiais de Moradia e Abrigo

O ISIS oferecia acomodação, utensílios e serviços gratuitos para seus membros. Em termos de recrutas, havia mulheres encarregadas desses arranjos. De acordo com Sana, uma síria de 39 anos, ex-membro do ISIS, que conheci na cidade turca de Kilis:

Mulheres que chegam à Síria ou ao Iraque vindas do exterior estavam sendo enviadas para casas de propriedade do ISIS chamadas *maqars*. É importante notar que os *maqars* eram apenas para mulheres solteiras. Mulheres casadas com suas famílias teriam sido acomodadas em casas adequadas pelos oficiais de alojamento e abrigo do ISIS. Neste caso, uma vez que o membro masculino da família era o responsável, eles seriam atendidos por oficiais homens de alojamento e abrigo do ISIS<sup>16</sup>.

Uma ex-moradora de Mosul de 46 anos, que pediu para que sua identidade fosse protegida já que servira ao ISIS por um curto período de tempo em 2015, vivendo, atualmente, o campo de refugiados de Debaga, no norte do Iraque, explicou:

---

Iraque.

<sup>15</sup> Adilah. Em discussão com o autor. 21 de Maio de 2016. Kilis, Turquia.

<sup>16</sup> Sana. Em discussão com o autor. 20 de Maio de 2016. Kilis, Turquia.

As oficiais de alojamento e abrigo também atuavam como tradutoras para as mulheres estrangeiras recém-chegadas e as ajudavam a superar a barreira do idioma em suas semanas iniciais nos territórios do ISIS. Como tradutoras, elas ajudavam as mulheres a se familiarizarem com o bairro e as ajudavam a entender os documentos e anúncios oficiais do califado<sup>17</sup>.

Essas oficiais também eram encarregadas de controlar a mobilidade das mulheres durante sua estada nos *maqars*. Com base nos regulamentos estritos do ISIS, a mobilidade das mulheres nas cidades era limitada e as oficiais garantiam que esses regulamentos fossem observados pelas recém-chegadas. Contatos com residentes locais sírios ou iraquianos deveriam ser arranjados pelas oficiais e eram mínimos neste estágio. No entanto, depois de deixar os *maqars*, essas mulheres tinham mais liberdade para interagir com os moradores das cidades nas quais eram designadas para morar. Muitas oficiais responsáveis pelos abrigos e moradias também estavam cooperando de perto com as autoridades do ISIS como casamenteiras. Naqibah, uma ex-membro do ISIS de 34 anos de idade, de Raqqa, contou que as oficiais estavam muito envolvidas na apresentação de mulheres solteiras a jihadistas homens e vice-versa. Elas apresentavam as mulheres a candidatos jihadistas do sexo masculino sob a vigilância do Departamento de Assuntos de Casamento do ISIS.

Portanto, as funções desempenhadas pelas oficiais responsáveis pelos abrigos e moradias no Estado Islâmico ia além da mera acomodação das mulheres recém-chegadas em suas novas casas. Elas atuavam como agentes de engenharia social, alocando mulheres recém-chegadas em suas novas posições sociais dentro da sociedade controlada pelo ISIS<sup>18</sup>.

## Coletoras de Impostos

Meios de geração de renda foram a chave para a sobrevivência de grupos como o ISIS. Em seu auge, em 2014 e no início de 2015, o ISIS foi intitulado como o grupo terrorista mais rico, com uma receita líquida anual de 2 bilhões de dólares (Levitt 2014). Os campos de petróleo da Síria e do Iraque foram as principais fontes de receita do grupo naqueles anos, gerando milhões de dólares por mês. A perda de alguns de seus territórios, incluindo alguns de seus campos de petróleo mais importantes, fez com

---

<sup>17</sup> Identidade protegida. Em discussão com o autor. 13 de Julho de 2016. Campo de Debaga, Makhmur, Iraque.

<sup>18</sup> Naqibah. Em discussão com o autor. 22 de Maio de 2016. Kilis, Turquia.

que o grupo começasse a diversificar suas fontes de receita a fim de conter a crise financeira. A tributação já era uma das importantes fontes de receita do ISIS desde sua criação em 2014, porém, ao perder suas receitas de petróleo e gás, o grupo intensificou o uso do dinheiro dos impostos para superar a crise. No final de 2016, a tributação representava 50% da receita total do ISIS (Speckhard e Yayla 2016).

Embora notícias e relatórios vindos de territórios do ISIS estivessem corroborando a existência de uma autoridade tributária, nenhuma menção da participação das mulheres na autoridade havia sido relatada até o momento. No entanto, após o processo de coleta de dados ao longo das fronteiras sírias ao sul da Turquia, encontrei um casal de refugiados sírios que relataram a existência de um pequeno grupo de cobradoras de impostos dentro da autoridade do ISIS. Rashid, um homem de 29 anos que era comerciante em Raqqa e agora mora em Kilis, no sul da Turquia, relatou que:

Como resultado da pressão internacional sobre o ISIS e como consequência da perda de sua receita do petróleo, os jihadistas intensificaram seus esforços para gerar receitas fiscais. Incluindo, sem exceção, as mulheres. Ao visitar a autoridade tributária do ISIS em Raqqa para pagar meu imposto comercial, notei uma sala com a porta fechada que foi designada pelo grupo para que mulheres pagassem seus impostos. O processo de arrecadação de impostos, nesse caso, era conduzido por coletoras de impostos do ISIS<sup>19</sup>.

Embora o ISIS tenha sido declarado como a organização terrorista mais rica de seu tempo, perto do final de seu califado, a organização enfrentava uma grave crise financeira. Por isso, e por meio de suas instituições paralelas segregadas por gênero, a organização passou a explorar todos os recursos financeiros possíveis, inclusive de mulheres. Por esse motivo, as coletoras de impostos do sexo feminino foram recrutadas para maximizar o acesso da organização aos escassos recursos financeiros.

## Hijrah

As mulheres também contribuíram positivamente para a legitimidade do ISIS, fazendo a *hijrah* (migração) para seu território. A pretensão de estabelecer um califado para todos os muçulmanos (homens e mulheres) ao redor do globo, independentemente de sua raça, nacionalidade e cor, era, por si só, uma forma do que é chamado de *Da'wa* (convite global para todos os

---

<sup>19</sup> Rashid. Em discussão com o autor. 21 de Maio de 2016. Kilis, Turquia.

muçulmanos) na jurisprudência islâmica. Este convite encorajou homens e mulheres muçulmanos, em todo o mundo, a fazer a *hijrah* (migração) para a “verdadeira” terra do Islã e para formar a “verdadeira” *ummah* islâmica (comunidade global). Nesse contexto, milhares de mulheres, de diferentes locais do mundo, migraram para os territórios controlados pelo ISIS na Síria e no Iraque. Na ausência de ferramentas convencionais que fornecessem legitimidade ao Estado, como o sufrágio, a participação das mulheres na *hijrah*, em geral, estava desempenhando um papel vital para fornecer ao ISIS a legitimidade necessária para governar e dirigir seu califado.

O ISIS alegou que, ao fazer *hijrah* para o seu Estado islâmico recém-estabelecido, as mulheres que eram social e culturalmente alienadas por suas visões e práticas islâmicas assertivas em países muçulmanos ocidentalizados ou seculares poderiam encontrar um ambiente propício, no qual poderiam tornar-se membras ativas da sociedade (através instituições paralelas segregadas por gênero) enquanto aderiam à sua interpretação radical da religião. Noor, uma ex-moradora de Raqqa de 31 anos que era instrutora de inglês e, atualmente, vive com sua família em Gaziantep, no sul da Turquia, compartilhou a história de seu encontro com uma mulher migrante membro do ISIS em Raqqa no final de 2014:

Uma mulher francesa casada com um jihadista marroquino do ISIS mudou-se para o nosso bairro. Em um dos raros encontros que tive com ela, perguntei como é que ela deixou um país como a França para vir morar aqui. Ela respondeu com um inglês fraco que, como uma *Muslimah* [mulher muçulmana], ela se sente mais livre e mais respeitada aqui. Ela é livre para usar seu *niqab* [véu facial] sem sentir vergonha ou medo de ser assediada por *kuffar* [infiéis] como na França<sup>20</sup>.

Para essas mulheres, os Estados Islâmicos fundados por grupos jihadistas proporcionavam uma oportunidade de fuga de uma sociedade onde, para serem consideradas cidadãs iguais aos demais, deviam-se abandonar seus deveres religiosos (Pere in 2015). Assim, a sociedade estabelecida pelo ISIS fornecia uma oportunidade para essas mulheres escaparem de uma sociedade em que ser uma cidadã exigia, em contrapartida, o abandono dos deveres de sua religião.

---

20 Noor. Em discussão com o autor. 27 de Maio de 2016. Gaziantep, Turquia.

## Considerações Finais

O ISIS pode não ter sido a primeira organização jihadista a tentar estabelecer um estado completo. Entretanto, foi o mais eficaz e prático na tarefa em termos de quantidade de território e tamanho da população controlada. Apesar de sua abordagem brutal em relação às mulheres de minorias religiosas e raciais, o ISIS desafiou as hierarquias de gênero convencionais entre as organizações jihadistas ao fornecer uma plataforma para incorporar um grande número de mulheres, de todo o mundo, em vários papéis sociais. Tal mobilização de mulheres foi única na história das organizações jihadistas. A razão para o sucesso do ISIS no empoderamento de um número substancial de mulheres com pensamentos semelhantes (por meio da incorporação destas em papéis sociais diversificados) contra as interpretações restritivas da jurisprudência islâmica, esteve enraizada na estrutura da organização. Ao contrário de grupos como a Al-Qaeda, o ISIS tinha uma visão clara de governar uma sociedade com base nos princípios da lei sharia postas em prática.

Como resultado, o ISIS transformou-se de uma mera organização militante como outros grupos jihadistas para um construtor de estado. Ao longo dessa metamorfose, os objetivos do ISIS e, portanto, a sua estrutura organizacional, também foram transformados. Enquanto outras organizações jihadistas buscam retirar tropas ocidentais de terras “muçulmanas” e derrubar governos locais apoiados pelo ocidente com planos vagos para a manhã seguinte, o ISIS estabeleceu seu objetivo de revitalizar sua própria interpretação da tradição islâmica do califado. Por esse motivo, a estratégia do ISIS para empoderar as mulheres por meio de sua massiva incorporação foi concebida para enfrentar os desafios de um estado funcional. Esses desafios incluíam o fornecimento de bens e serviços públicos, a manutenção da ordem e segurança e a obtenção de legitimidade.

Para enfrentar esses desafios, as mulheres foram incorporadas por meio de instituições paralelas segregadas por gênero em uma variedade de papéis sociais, alguns dos quais foram discutidos neste artigo. Através da utilização dessas instituições, o ISIS conseguiu administrar a questão do *mahram*, ao contrário de outras organizações jihadistas.

O conceito do *mahram* dificulta a incorporação de números mais expressivos de mulheres para todas as organizações jihadistas. Isso porque é quase impossível garantir que seus membros femininos estejam acompanhados por um *mahram* masculino em todas as ocasiões, especialmente durante as operações militantes. Por esse motivo, a maioria dos grupos jihadistas mostra-

se relutante em relação a ampliação da presença feminina em suas atividades. Isso relaciona-se com o menor número de mulheres nesses grupos em comparação com outros grupos militantes nacionalistas e seculares ao longo da luta contra seus inimigos.

No entanto, após o triunfo da luta e o subsequente estabelecimento do Estado, enquanto os movimentos nacionalistas ou seculares tendem a descartar ou marginalizar seus membros femininos, um grupo jihadista como o ISIS desafia as hierarquias de gênero convencionais das organizações jihadistas, intensificando a utilização de mulheres para enfrentar os desafios administrativos da estrutura estatal.

Novamente, isso deveu-se à capacidade do ISIS no fornecimento de um ambiente propício para a integração das mulheres, resolvendo o impeditivo derivado do *mahram* por meio de instituições paralelas segregadas por gênero. Através deste mecanismo, o ISIS alegou fornecer a plataforma necessária para que as mulheres muçulmanas “reprimidas” no resto do mundo fossem “fortalecidas” e desempenhassem um papel mais ativo na criação de uma nova geração de crentes e em um estado no qual a prática extremista de seus compromissos ideológicos é reconhecida e protegida, diferentemente do ambiente de seus países de origem, de onde migraram para os territórios do ISIS. A segregação de gênero forneceu a justificativa ideológica para muitas mulheres fiéis à ideologia do ISIS participarem mais ativamente dos assuntos sociais em contraste com as hierarquias de gênero estabelecidas entre outras organizações jihadistas.

## REFERÊNCIAS

- Adilah. 2016. In *Discussion with the Author*. May 21, 2016. Kilis, Turkey.
- Ayisha. 2016. In *Discussion with the Author*. May 25, 2016. Sanliurfa, Turkey.
- Baggini, Julian. 2006. “Briefing: Does Social Engineering Work?”. *The Guardian*. Accessed August 17, 2018. <https://www.theguardian.com/society/2006/aug/29/smoking.comment>.
- Barrett, Richard, Jack Berger, Lila Ghosh, Daniel Schoenfeld, Mohamed el Shawesh, Patrick M. Skinner, Susan Sim, and Ali Soufan. 2015. “Foreign fighters: An updated assessment of the flow of foreign fighters into Syria and Iraq”. *The Soufan Group* 4.
- Benotman, Noman, and Nikita Malik. 2016. “The Children of Islamic State”. *The Quilliam Foundation* (2016): 1-100.
- Bloom, Mia. 2012 *Bombshell: Women and Terrorism*. University of Pennsyl-

vania Press.

- Conteh-Morgan, Earl. 2004. *Collective political violence: An introduction to the theories and cases of violent conflicts*. Psychology Press.
- Cook, David. 2005. "Women fighting in Jihad?". *Studies in Conflict & Terrorism* 28, (5): 375-384.
- Creswell, John W., and Cheryl N. Poth. 2017. *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches*. Sage publications.
- De Bont, Roel, Daan Weggemans, Ruud Peters, and Edwin Bakker. 2017. "Life at ISIS: The Roles of Western Men, Women and Children". *Security and Global Affairs* (2017): 3-17.
- De Pauw, Linda Grant. 2014. *Battle Cries and Lullabies: Women in War from Prehistory to the Present*. University of Oklahoma Press.
- Diekman, Amanda B., Wind Goodfriend, and Stephanie Goodwin. "Dynamic stereotypes of power: Perceived change and stability in gender hierarchies". *Sex Roles* 50, no. 3-4 (2004): 201-215.
- Duffield, Andrew Scott. 2013. "When Do Rebels Become State-builders? A Comparative Case Study of Somaliland, Puntland, and South-Central Somalia". *Bildhaan: An International Journal of Somali Studies* 13 (2013): 10.
- Eager, Paige Whaley. 2016. *From Freedom Fighters to Terrorists: Women and Political Violence*. Routledge.
- Elder, Sarah, and Gianni Rosas. 2015. "Global employment trends for youth 2015: Scaling up investments in decent jobs for youth". *International Labour Organization* (2015).
- Epstein, Cynthia Fuchs. 2017. "Great divides: The cultural, cognitive, and social bases of the global subordination of women". *American Sociological Review* 72, no. (1): 1-22.
- Esposito, John , and Abdulaziz Abdulhusein Sachedina. 2004. *The Islamic World*. Vol. 3. Oxford University Press.
- Gardner, Frank. 2015. "The Crucial Role of Women within Islamic State". *BBC*. Accessed December 20, 2018. <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-33985441>.
- Global Coalition to Protect Education from Attack. 2018. *Education Under Attack 2018 – Iraq*. Accessed 14 September 2018. <https://www.refworld.org/docid/5be9430d4.html>.
- Haaretz. 2014. "Cooking and Killing: Islamic State Opens Finishing School for Girls". *Haaretz*. Accessed September 12, 2018. <http://www.haaretz.com/middle-east-news/1.621380>.

- Helie-Lucus, Marieme. 1999. "Women, Nationalism, and Religion in the Algerian Liberation Struggle". In *Rethinking Fanon: The Continuing Dialogue*, Edited by: Gibson, Nigel. Amherst, NY: Humanity Books.
- Ho, Carolyn. 2015. "The Islamic State (Daesh) healthcare paradox: A caliphate in crisis." *The Journal of Global Health*.
- Hoyle, Carolyn, Alexandra Bradford, and Ross Frenett. 2015. *Becoming Mulan?: Female Western Migrants to ISIS*. Institute for Strategic Dialogue.
- Hunter, Isabel. 2016. "At Least 37 People Are Killed as Three ISIS Jihadis Including a Female Suicide Bomber Launch Co-Ordinated Attacks on a Shia Muslim Shrine North of Baghdad". *Dailymail*. Accessed November 22, 2018. <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3680041/At-20-people-dead-car-bomb-tears-mausoleum-north-Baghdad.html>.
- Identity Protected. 2016. In *Discussion with the Author* July 13, 2016. Debaga Camp, Makhmur, Iraq.
- International Labour Organization. 2018. "Global Employment Trends 2017: Risk of a jobless recovery?". *International Labour Organization*. Accessed January 18, 2019. [http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms\\_233953.pdf](http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_233953.pdf).
- Jamal, Bahija. 2018. "Moroccan Counter-terrorism Policy: Case of Moroccan Female Migrants to ISIS". *International Annals of Criminology* 56,(1-2): 145-156.
- Jamilah. 2016. *Phone Interview with the Author*. July 11, 2016. Mosul, Iraq.
- Just, Renee. 2016. "GI Jane: A Comparison of the Legal Framework for Women's Military Service in Israel and the United States". *Creighton Int'l & Comp. LJ* 8 165.
- Kolthum. 2016. In *Discussion with the Author*. July 13, 2016. Debaga Camp, Makhmur, Iraq.
- Kruger, Norma J. 2003. *Guerrilla Veterans in Post-war Zimbabwe: Symbolic and Violent Politics, 1980-1987*. Vol. 105. Cambridge University Press.
- Lahoud, Nelly. 2014. "The Neglected Sex: The Jihadis' Exclusion of Women from Jihad". *Terrorism and Political Violence* 26, (5): 780-802.
- Levitt, Matthew. 2014. "Terrorist financing and the Islamic state". *The Washington Institute for Near East Policy*, Washington (2014).
- Maha. 2016. In *Discussion with the Author*. May 24, 2016. Gaziantep, Turkey.
- Mahmoud. 2016. In *Discussion with the Author*. June 18, 2016. Gaziantep, Turkey.

- Maleevi, Sinia. 2010. *The Sociology of War and Violence*. Cambridge University Press.
- Mann, Michael. 2012. *The sources of social power: Volume 2, the rise of classes and nation-states, 1760-1914*. Vol. 2. Cambridge University Press
- Mohammad. 2016. In *Discussion with the Author*. May 23, 2016. Gaziantep, Turkey.
- Naqibah. 2016. In *Discussion with the Author*. May 22, 2016. Kilis, Turkey.
- Nilsson, Sita Ranchod, and Mary Ann Tetreault. 2000. "Women, States and Nationalism: At Home in the Nation" (2000).
- Noor. 2016. In *Discussion with the Author*. May 27, 2016. Gaziantep, Turkey.
- Omar, Karima. 2004. "National Symbolism in Constructions of Gender: Transformed Symbols in Post-Conflict States". *Seton Hall Journal of Diplomacy and International Relations* 5 (2004).
- Peresin, Anita, and Alberto Cervone. 2015. "The Western Muhajirat of ISIS". *Studies in Conflict & Terrorism* 38, (7): 495-509.
- Perein, Anita. 2015. "Fatal Attraction: Western Muslimas and ISIS". *Perspectives on Terrorism* 9, no. 3.
- Rafik, Haras and Nikita Malik. 2015. "Caliphates: Women and the Appeal of Islamic State" *Quilliam Foundation* (2015).
- Rashid. 2016. In *Discussion with the Author*. May 21, 2016. Kilis, Turkey.
- Reynolds, Sean C., and Mohammed M. Hafez. 2019. "Social network analysis of German foreign fighters in Syria and Iraq". *Terrorism and Political Violence* 31, (4): 661-686.
- Rodriguez-Franco, Diana. 2016. "Internal wars, taxation, and state building". *American Sociological Review* 81, (1): 190-213.
- Russia Today. 2016. "ISIS Using Women in Combat Roles, 3 Dead and 7 Arrested – Libyan Military Leader". *RT News*. Accessed November 23, 2018. <https://www.rt.com/news/333991-isis-women-arrested-combat>.
- Sana. 2016. In *Discussion with the Author*. May 20, 2016. Kilis, Turkey.
- Seidman, Gay W. 1984. "Women in Zimbabwe: Post-independence Struggles". *Feminist Studies* 10, (3): 419-440.
- Sekulow, Jay. 2015. *Rise of ISIS: A threat we can't ignore*. Simon and Schuster.
- Sjoberg, Laura, and Caron E. Gentry, eds. 2011. *Women, gender, and terrorism*. University of Georgia Press.
- Speckhard, Anne, and Ahmet S. Yayla. 2016. "ISIS Revenues include Sales of Oil to the Al-Assad Regime". *ICSVE Brief Reports* (2016).

- Spencer, Amanda N. 2016. "The Hidden Face of Terrorism: An Analysis of the Women in Islamic State". *Journal of Strategic Security* 9, (3): 74-98.
- Staniland, Paul. 2012. "States, insurgents, and wartime political orders". *Perspectives on politics* 10, (2): 243-264.
- Tilly, Charles. 2017. War Making and State Making as Organized Crime. In *Collective Violence, Contentious Politics, and Social Change*. Routledge.
- United Nations. 2006. *Women and Elections: Guide to Promoting the Participation of Women in Elections*. United Nations Department of Publications.
- Webster, Kaitlyn, Chong Chen, and Kyle Beardsley. 2019. "Conflict, Peace, and the Evolution of Women's Empowerment". *International Organization* 73, (2): 255-289.
- Webster, Kaitlyn, Chong Chen, and Kyle Beardsley. 2019) "Conflict, Peace, and the Evolution of Women's Empowerment". *International Organization* 73, no. (2): 267.
- Yunis, Mahdi. 2016. In *Discussion with the Author*. July 12, 2016. Makhmur, Iraq.

## RESUMO

Desde o estabelecimento do Estado Islâmico da Síria e do Iraque (ISIS), houve uma onda de incorporação de mulheres na organização. Tradicionalmente, os movimentos militantes nacionalistas e de esquerda utilizavam as mulheres apenas durante os períodos de mobilização e luta política. Após os períodos de consolidação do Estado, as mulheres foram descartadas e marginalizadas das instituições Estatais. Ironicamente, e contra a tendência estabelecida acima, este artigo demonstra que essa tendência deu-se vice-versa no caso do ISIS. Ao usar o conceito de 'mahram', o artigo também explica a razão pela qual as mulheres estiveram amplamente ausentes no meio do conflito e embates militares do ISIS e foram trazidas ao cerne do movimento somente após o triunfo da organização no processo de estabelecimento do seu Estado. Os resultados desta pesquisa são baseados em fontes secundárias e dados primários pessoalmente coletados em mais de 150 entrevistas por meio de diversas viagens de campo ao Iraque, Turquia, Irã, Afeganistão, Líbano e as fronteiras dos territórios controlados pelo ISIS na Síria entre julho de 2015 e janeiro 2017.

## PALAVRAS-CHAVE

ISIS; Mahram; Empoderamento; Hierarquias de Gênero; Construção do Estado.

*Recebido em 28 de fevereiro de 2020*

*Aprovado em 31 de outubro de 2020*

*Traduzido por Marina Felisberti*